# Ceticismo alegre e modesto\* - 26/08/2015

Sobre a obra de Hume importa ressaltar que começa com o \_Tratado da Natureza  
Humana\_ , que não foi acolhida pelo público e faz com que o filósofo mude o  
estilo e parta para as investigações (acerca do entendimento humano e acerca  
dos princípios da moral), recolhendo fatos e usando o inquérito como principal  
recurso. A filosofia é um jogo que tem suas regras e onde é preciso inquirir;  
a filosofia é uma caçada. Remetendo à tradição britânica de Lorde Bacon e Sir  
Isaac Newton, a investigação aplica o método experimental da ciência para  
entender a natureza humana, entender o homem em suas ações e ser entendido por  
ele: "Sede filósofo, mas sede sempre homem".  
  
Reforçando o conceito, para o empirista Hume, as ideias provêm das impressões,  
sendo as últimas mais vivas que as primeiras, mas as primeiras se  
estabelecendo a partir da reflexão, do pensar. Esse é o papel do pensamento:  
organizar ideias que são metódicas, estabelecer conexões a partir das regras  
de semelhança, contiguidade, causalidade, etc. Nesse processo, o espírito é  
guiado pela experiência, se não há experiência, ele vagueia. Por outro lado,  
pelo empirismo cético, a inferência de um efeito a partir de sua causa é feita  
pela imaginação, a razão nada pode demonstrar a esse respeito. Aqui se abre  
espaço para a ação: é ela que combate nossa ignorância, a partir do hábito  
passado posso acreditar no futuro. É a imaginação que domina a mente. A  
natureza humana se guia pela crença que nos permite assumir o que não existe  
como já existente, cremos em ideias quase tão vivas quanto às impressões. Às  
vezes, existe espaço para a ficção: algo ocorre diferente do previsto - nesse  
caso, só sabemos a posteriori. Portanto, é a crença que é o princípio diretor  
de nossas ações, ela toca o nosso espírito de tal forma que nos faz distinguir  
entre as ideias do julgamento das ficções da imaginação.  
  
Hume atesta o poder da imaginação: somos irracionais, mas imaginativos. A  
imaginação é extremamente livre, se nos faz acreditar em quimeras, ela  
harmoniza o curso da natureza com a sucessão de nossas ideias. Somos guiados  
pela experiência usando a liberdade da imaginação para agir. Mas a liberdade é  
condicional porque se baseia na conjunção das causas e feitos, nossa moral vem  
com regras e apreciações a reboque. Na esfera moral nada podemos prescrever e  
não há orientação sobre o que fazer porque a causa da ação vem da experiência.  
Pelo método de Hume, é aí que devemos procurar a impressão que está por trás  
de uma aprovação ou desaprovação, através do inquérito sobre a origem de  
nossos sentimentos.  
  
A moral de Hume combate o egoísmo e se volta para a ação, exaltando a simpatia  
entre os homens, mas sem dispensar o caráter de utilidade. Somos benévolos com  
os outros porque a nossa situação é precária, senão não precisaríamos ser. Da  
mesma forma que a justiça não é útil em uma sociedade com abundância. De  
qualquer forma, há um sentimento moral que nos empurra para a ação, seja para  
a benevolência ou para a justiça. E somos parciais, mas podemos aprender as  
vantagens de sermos justos. Isso não quer dizer que haja um cálculo frio,  
somos orientados na ação moral pela paixão - aquela impressão de segundo grau  
e reflexiva. Menos a razão fria que diferencia o verdadeiro do falso, mais a  
paixão que age e inventa; menos a indiferença irracional e mais o calor  
natural.  
  
Por outro lado, as investigações, o inquérito, sempre deixam algo no ar. Há  
espaço para diálogo e aqui se insere o ceticismo temperado de Hume. A moral se  
orienta pelos mesmos princípios racionais, embora tire conclusões diferentes;  
não há uma filosofia doutrinária, mas uma filosofia modesta, de troca. É  
preciso, menos do que concluir, aprender a pensar. Hume não renuncia ao homem,  
mas domestica suas surpresas.  
  
E, para lá das investigações, ainda permanecem as difíceis questões do  
tratado, como, por exemplo, a ideia de um \_eu\_ , considerando que as nossas  
experiências se constituem a partir de um tecido de impressões particulares.  
Se a experiência só apresenta impressões sucessivas como podemos considerá-las  
unificadas pelo \_eu\_? O fluxo de causa e efeito da natureza é o mesmo fluxo de  
causa e efeito de nossas ideias... Deixemos essas pendências em aberto para  
exame posterior.  
  
   
  
\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_  
  
   
  
\* Resenha do capítulo sobre Hume no livro \_Gradus philosophicus: a construção da Filosofia ocidental\_ , organizado por Laurent JAFFRO e Monique LABRUNE. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: Mandarim, 1996.